

“A revista de tropas do exército católico”: os Congressos Católicos realizados pelos Jesuítas alemães no sul do Brasil

*André Carlos Werle**

Resumo

A intenção do texto é analisar os Congressos Católicos realizados pelos Jesuítas alemães junto a imigrantes no sul do Brasil no período entre 1898 até 1940. Os Jesuítas migraram para o Brasil a partir de meados do século XIX, trazendo em sua bagagem a experiência de atividades vivenciadas na Europa e que foram implementando junto a imigrantes, resultando num conjunto de instituições voltadas para a esfera econômica e social, no qual os Congressos reuniam fiéis de diversas comunidades para discutir problemas da comunidade. Os Congressos podem ser concebidos também como mecanismos normativos, através dos quais os Jesuítas veiculavam concepções acerca da vida em sociedade.

Palavras-chave: Religião-Jesuítas-alemães

Abstract

The aim of the text is analyses the Catholics Congress carried out by the German Jesuits by the immigrants in south Brazil, in the period from 1898 until 1940. The Jesuits did emigrated to Brazil since mid XIX Century. In their baggage, they brought the knowledge of activities experimented in Europe, which they were advancing by the immigrants, resulting in a set of institutions towards to the economics and social sphere. In this set, the congress has joined believers from various communities to debate their problems. The congress can also be conceived as normative mechanisms, by means of which the Jesuits to carry conceptions about life in society.

Keywords: Religion - Jesuits - German

A presença de padres e religiosos europeus no sul do Brasil, a partir de meados do século XIX, conferiu uma “nova fisionomia à igreja” na região,¹ o que alguns autores denominam de “substituição do tradicional catolicismo luso-brasileiro pelo catolicismo ultramontano, europeizado e romanizado”.² No que se refere ao Rio Grande do Sul e oeste catarinense, os religiosos que mais tiveram destaque foram Jesuítas alemães, principalmente devido a atividades desenvolvidas junto a imigrantes alemães. Trata-se de práticas e instituições que não se referiam abertamente à vida religiosa dos fiéis, mas se direcionavam à vida social, econômica e cultural.³ A idéia norteadora era que todos os aspectos da vida, desde a vida íntima dos casais até as relações sociais deviam ser regidas por princípios católicos. Assim, a atuação religiosa dos Jesuítas se direcionava para ações concretas da vida, procurando interferir no mundo vivido dos imigrantes alemães e seus descendentes. Para compreender esta interferência, os Congressos Católicos se constituem num objeto privilegiado de análise, principalmente porque forneciam um canal direto de comunicação entre Jesuítas e representantes de grande parte das colônias alemães da região. Neste sentido, os Congressos Católicos organizados pelos Jesuítas se constituem num objeto privilegiado de análise, principalmente porque forneciam um canal direto de

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

comunicação com representantes de grande parte das colônias alemãs da região, através do qual se veiculava as idéias e concepções acerca do mundo social. Em outras palavras, era por meio dos Congressos que os Jesuítas veiculavam suas representações acerca da sociedade.

“Uma espécie de revista de tropas do exército católico de alemães e seus descendentes no Sul do Brasil,”⁴ assim os Congressos foram definidos por Arthur Rabuske, inspirando-se, provavelmente, na expressão do papa Pio XII, comunicada no Congresso Católico realizado em Mainz, na Alemanha, em 1948, (o primeiro depois da 2ª Guerra). O Papa, falando via rádio para a Alemanha inteira e referindo-se à tradição de um século destes eventos na Alemanha, nomeou-os como „*die Herrschau des katholischen Volkes*“⁵ (a revista de tropas do povo católico).

Os Congressos eram, como parece a primeira vista, grandes e solenes encontros de católicos de descendência alemã. Seu início deu-se em 1898 em Harmonia, no Rio Grande do Sul, e a partir daí passaram a se repetir regularmente de dois em dois anos até a 2ª guerra, sendo interrompidos durante 10 anos devido a 1ª guerra.⁶ Constituíam-se de cerimônias religiosas, palestras e debates de questões trazidas por representantes de diversas colônias, além de atividades recreativas. Havia, além disso, sessões deliberativas nas quais os participantes decidiam acerca de idéias e também atividades práticas a serem efetivadas. Os participantes eram representantes leigos de cada localidade em que se faziam presentes descendentes de alemães do Rio Grande do Sul e oeste catarinense. A idéia era que cada localidade enviasse ao menos um representante, que levaria para o Congresso os principais problemas de sua localidade, que seriam debatidos e analisados em conjunto com os demais participantes e os organizadores. Os leigos eram incentivados pelos Jesuítas a participar apresentando suas questões e expondo opiniões. Por fim, se deliberava acerca de possíveis ações concretas a serem realizadas. Os objetivos que se atribuíam aos Congressos eram, como escreve Lutterbeck, SJ, “evidentemente a intensificação da vida e ação religiosa-cristã, bem como a união dos católicos teutos para a solução de seus problemas mais candentes”.⁷ Sua idéia norteadora era que dele participassem representantes de todas as paróquias alemãs, “máxime homens, que ao depois voltavam às suas picadas repletos de entusiasmos e dispostos para a ação católica”.⁸

Historiadores e pesquisadores⁹ que se referem aos Congressos Católicos enfatizam o caráter deliberativo, ou seja, suas análises procuram demonstrar as “novas empresas ou iniciativas” que surgiam nestes encontros.

Observa-se, outrossim, que esses Congressos Católicos constituíam, de cada vez, um marco novo para a evolução da vida católica e associativa na Colônia Alemã do Rio Grande do Sul, com influência também em outros Estados, máxime os vizinhos.(...) os padre Jesuítas se encontravam entre os maiores animadores e promotores de tais celebrações, seja na qualidade de conferencistas e conselheiros, seja como vozes decisivas para novas empresas ou iniciativas”¹⁰.

O “marco novo para a evolução da vida católica e associativa” citado por Rabuske se refere às decisões práticas tomadas nos Congressos, como as instituições citadas acima: no primeiro foram lançadas as bases da Associação dos Professores, no segundo, em 1900, a Associação dos Agricultores, em 1912, a Sociedade União Popular. Analisando mais detalhadamente os textos em que aparecem algumas referências a estes eventos, entretanto nota-se que sua importância não reside exatamente nas “ações concretas” que deles surgiram, pois como sugere Lúcio Kreutz, que também privilegia o aspecto deliberativo, as idéias das “novas empresas ou iniciativas”, já vinham previamente elaboradas por seus organizadores.

Os Jesuítas foram muito hábeis na preparação e na condução destas Assembléias, conseguindo com que os colonos se cressem autores e fundadores de projetos e associações que tinham sido elaborados previamente e até em detalhes pelos “patres colonorum”. E para esta ilusão ótica se prestavam muito bem as Assembléias Gerais (Katholikenversammlungen). [...]

Os relatórios deixam a entender que a participação nos debates, em geral, não foi muito expressiva em termos de trocas de idéias e avanço nas propostas. Predominava claramente a voz e autoridade dos Jesuítas para a proposta de “novas empresas ou iniciativas”. Porém, eles souberam criar a mística em torno destas assembléias, tornando-as os momentos mais solenes e vitais para a colonização e conseguindo que as conclusões fossem tomadas como um compromisso solene por parte das comunidades rurais¹¹.

O autor enfatiza a habilidade dos Jesuítas em organizar, convencer e envolver os colonos em projetos sociais, criando a “ilusão” de que as decisões haviam sido tomadas pelas assembléias. Concebe os congressos católicos como formas de legitimar as decisões “previamente elaboradas” de seus organizadores. Mas se as decisões já vinham previamente tomadas, qual seria então o sentido da organização de eventos de tão grande envergadura como os Congressos Católicos? Qual é sua razão de ser?

Para melhor compreender o sentido destes eventos, talvez seja importante fazer uma pequena análise dos *Katholikentage* da Alemanha. Os Congressos Católicos tiveram seu início na cidade de Mainz em 1848, e se repetem de dois em dois anos em cidades diferentes, de modo que ainda hoje são realizados. O próprio ano de 1848 já fornece algumas pistas para se compreender o sentido destes eventos: de um lado era o ano em que aconteceram os primeiros levantes liberais e, por outro lado, a publicação do Manifesto Comunista de Marx e Engels. Estes acontecimentos simbolizam os dois principais inimigos que a igreja católica enfrentava, pois ambos se baseavam em sistemas sociais que relegavam a religião a um plano secundário. Neste contexto, os encontros de católicos são concebidos como instrumento político de congregar as forças católicas no embate pela liberdade de sua igreja. Isto significava combater a um só tempo a burguesia liberal e também as idéias socialistas e revolucionárias que estavam surgindo. Citando os termos utilizados pelo Papa Leão XIII, “homens turbulentos e astuciosos” que procuram desvirtuar o sentido da relação capital e trabalho e “aproveitam-no para excitar as multidões e fomentar desordens”¹². Neste contexto, o meio católico também produziu seus pensadores sociais, como Wilhelm E. Von Ketteler, Bispo de Mainz, Adolf Kolping (*o Gesellenvater*), entre outros, que faziam dos *Katholikentage* meios de discussão e difusão de suas idéias¹³, influenciando também a elaboração do pensamento social da Igreja, como se pode pensar a partir das próprias palavras de Leão XIII: “Ketteler foi meu grande precursor”¹⁴. Ketteler também ensaiou ações práticas, como os círculos operários, de modo que em 1948, no Congresso de Mainz, os *Katholikentage* foram considerados uma “profissão de fé das idéias de Ketteler”.¹⁵

Assim, os católicos passaram a se ocupar das questões sociais que estavam surgindo em decorrência da industrialização. Ernst Heinen, no 2º volume de seu livro intitulado *Staatliche Macht und Katholicismus in Deutschland (1867 bis 1914)* (Poder Estatal e Catolicismo na Alemanha 1867 a 1914) estudou as relações entre política e religião numa época de bastante insegurança para a igreja católica, o período conhecido como *Kulturkampf*.¹⁶ Por isso, enfatiza o caráter político dos Congressos Católicos, mencionando que a partir do Congresso de Düsseldorf, realizado em 1869, devido à crescente opressão da Igreja pelo *Kulturkampf*, os católicos passaram a discutir mais intensamente o papel e a participação da igreja na política. Dez anos mais tarde, no Congresso de Aachen, 1879, Ludwig Windhorst, talvez o maior expoente e articulador do Partido do Centro (*Zentrumspartei*) e da política católica da Alemanha na segunda metade

do século XIX, falava pela primeira vez num Congresso Católico e, a partir daí até 1890, pronunciava as palestras de encerramento (*Schlußreden*). Enfatiza-se, deste modo, o caráter político e social dos Congressos Católicos da Alemanha.

Mas, ao se instalar no Sul do Brasil, expulsos da Alemanha exatamente devido ao *Kulturkampf*, os Jesuítas encontraram um contexto bastante diferente do alemão, de modo que as atividades, inclusive os Congressos Católicos, tiveram de ser remodelados. Entretanto, parece que sua essência não se alterou, ou seja, práticas religiosas que se ocupavam do mundo social dos fiéis mas que visavam atuar na esfera religiosa. Este sentido talvez tenha de ser procurado não nas decisões que ali se tomavam, mas sim nas palestras que eram ali proferidas e depois publicadas nos Anais de cada congresso. As palestras tratavam, além de assuntos propriamente teológicos, temas dos mais variados que iam desde os relacionados à vida íntima dos casais, incluindo-se a educação dos jovens para o casamento, higiene e problemas econômicos, sociais, culturais e religiosos das colônias, assim como também política e economia internacional. O Congresso Católico de Porto Novo¹⁷ de 1934, é um exemplo disso. Foram realizadas neste evento inúmeras palestras. Três eram fechadas e destinadas a um público específico, sendo uma somente para casais, intitulada “Sobre a indissolubilidade do casamento”, outra, para rapazes, “Vós sois os futuros homens”, e a terceira, para moças, “Como é bela uma virtuosa linhagem”. Através dos títulos, pode-se ter uma idéia do teor das palestras, falou-se ali principalmente dos papéis que caberiam a cada cônjuge. Nos pronunciamentos à comunidade em geral, os assuntos eram mais variados: “Higiene na colônia”, “Como se portar diante dos problemas econômicos de nossa época?”, “O céu nos envia a cruz e sofrimento para nos testar, mas facilitar doenças é sacrilégio”, “Fontes de perigo para o corpo e para a alma”, “Falsas economias com a escola”, “Sobre a boa imprensa”, “Um voto de lealdade à identidade de nossos antepassados”, “O justo vive da fé”.¹⁸ Destas palestras, apenas a última apresentava um caráter eminentemente religioso, sendo que as restantes versavam sobre problemas da comunidade. Nota-se, pela diversidade dos temas em questão, que os Jesuítas procuravam debater assuntos da sociedade, “seus problemas mais candentes”, oferecendo respostas ou soluções.

Levando-se em consideração a maneira pela qual os Congressos se realizavam, pode-se notar que não eram apenas a “união dos católicos teutos para a solução de seus problemas mais candentes”, mas sim importantes instrumentos de difusão de idéias e concepções acerca de como os fiéis deviam viver tanto em sociedade e em família, quanto na vida particular e íntima. São mobilizados em suas palestras diversos elementos colhidos em diferentes esferas discursivas e que escapam ao campo propriamente religioso, mas ao mesmo tempo, são interpretados à luz de considerações teológicas, extraídas na maioria das vezes das “auto compreensões” da igreja, o que lhes confere seu caráter soteriológico. Os discursos e práticas daí resultantes apresentam, portanto, a especificidade de ao mesmo tempo em que procuram resolver as questões da sociedade, promovem uma intensificação da fé dos fiéis. Deste modo, pode-se dizer que os agentes religiosos interpretavam os problemas e necessidades do grupo de leigos mais diretamente a eles relacionados, propondo soluções e alternativas, tendo em mente garantir “o monopólio da gestão legítima dos bens de salvação”, usando a expressão de Bourdieu.¹⁹

A referência a Bourdieu requer algumas considerações para melhor entender as relações entre agentes religiosos e a sociedade. Neste sentido, Max Weber faz uma importante contribuição, procurando não definir de antemão a natureza dos fenômenos religiosos. Seu objetivo está voltado para a compreensão interpretativa da ação social, que “é aquela ação do agente orientada significativamente pelo comportamento dos outros,

isto é, à qual o agente associa um sentido subjetivo, conforme a conduta dos outros”²⁰. Este sentido refere-se não a um sentido objetivamente correto ou a algum “sentido verdadeiro obtido por indagação metafísica”²¹, mas sim, o sentido subjetivamente visado pelo indivíduo. Por fim, o que Weber pretende é compreender interpretativamente as ações orientadas por um sentido subjetivo enquanto motivo, meio e fim da ação. “A sociologia é uma ciência que procura compreender a ação social; a compreensão implica a percepção do sentido que o ator confere à sua conduta”²². Em outras palavras, compreender significa apreender o sentido subjetivo que os indivíduos conferem a sua ação. A religião, assim como a economia, a sociedade e outras instituições, é uma das instâncias que podem oferecer os elementos constituintes de sentido subjetivo.

Sendo assim, não se pode definir de antemão que a religião seja um reflexo da estruturas sociais ou que tenha autonomia absoluta, desvinculada da sociedade, mas sim que sua relação é dinâmica, se altera e se adapta de maneira diferente a cada contexto.

Nossa tese não é a de que a natureza específica da religião constitui uma simples ‘função’ da camada que surge como sua adequada característica, ou que ela represente a ideologia de tal camada, ou que seja um ‘reflexo’ da situação de interesse material ou ideal. Pelo contrário, uma interpretação mais errônea do ponto de vista dessas discussões dificilmente seria possível

Por mais incisivas que as influências sociais, determinadas econômica e politicamente, possam ter sido sobre uma ética religiosa num determinado caso, ela recebe sua marca principalmente das fontes religiosas e, em primeiro lugar, do conteúdo de sua anunciação e promessa. Frequentemente, a geração seguinte reinterpreta essas anunciações e promessas de modo fundamental, ajustando as revelações às necessidades da comunidade religiosa. Quando isso ocorre, então, é comum que as doutrinas religiosas se ajustem às necessidades religiosas. Outras esferas de interesse só poderiam ter uma influência secundária; com frequência, porém, tal influência é muito óbvia e, por vezes, decisiva.²³

Weber procura se furtar a uma explicação reducionista e determinista, seja a que defende a autonomia do campo religioso ou a que prega sua dependência em relação às estruturas econômicas e sociais, dando ênfase especial a maneira pela qual as doutrinas religiosas são interpretadas pelos agentes e se “ajustam às necessidades religiosas” e, as vezes, às “outras esferas de interesse”. Isto também foi interpretado por Pierre Bourdieu, citando que Weber “encontra os meios de correlacionar o conteúdo do discurso mítico (inclusive sua Sintaxe) aos interesses religiosos daqueles que o produzem, que o difundem e que o recebem”.²⁴ Desta forma, entende-se que há uma interligação entre o campo religioso, suas práticas e representações, com os interesses do grupo de agentes e grupos sociais a ele relacionado.

Partindo disto, Bourdieu desenvolve o que denomina de *interacionalismo* simbólico entre as diferentes instâncias que compõe o campo religioso: os diferentes agentes religiosos e os diferentes grupos de leigos. Ele chega a este raciocínio analisando os tipos ideais weberianos que formam o campo religioso: o profeta, o sacerdote, o mágico e o leigo.

As interações simbólicas que se instauram no campo religioso devem sua forma específica à natureza particular dos interesses que aí se encontram em jogo ou, em outros termos, às especificidades das funções cumpridas pela ação religiosa de um lado, a serviço dos leigos (e, mais precisamente, para as diferentes categorias de leigos) e, de outro, a serviço dos diferentes agentes religiosos.²⁵

A interpretação de Bourdieu acerca da tipologia weberiana atribui grande importância aos leigos na estrutura e funcionamento do campo religioso. É justamente a influência dos leigos que faz com que o campo religioso seja interativo, como pretende o autor, pois o conteúdo da mensagem religiosa é fortemente marcado pelos interesses ou

necessidades religiosas do grupo de leigos ao qual é destinado. É para satisfazer os diferentes interesses propriamente religiosos dos grupos de leigos que se desenvolvem as diferentes práticas e representações.

O importante a se constatar na obra de Bourdieu é que os interesses e necessidades religiosas variam de acordo com os grupos sociais. Mas ao mesmo tempo, segundo Bourdieu, as representações e linguagens visam atender também os interesses dos próprios agentes religiosos, isto é, garantir “o monopólio da gestão legítima dos bens de salvação”. Em concordância com isso, Bourdieu, ainda baseado em Weber, chama atenção para a importância de se levar em consideração o

trabalho religioso realizado pelos agentes e porta vozes especializados, investidos do poder, institucional ou não, de responder através de um tipo determinado de prática ou de discursos a uma categoria particular de necessidade próprias a grupos sociais determinados.²⁶

A noção de trabalho religioso pode ser bastante proveitosa para a compreensão das atividades dos jesuítas. Através dela pode-se entender a relação dinâmica entre agentes religiosos e a sociedade. Isto é, ocorre uma interpretação teológica de diversos problemas e situações históricas, visando a satisfação dos interesses religiosos dos diferentes grupos determinados de leigos. Por outro lado, visa também a satisfação dos próprios interesses dos agentes religiosos, o “monopólio da gestão legítima dos bens de salvação”. Isto acaba por promover o surgimento de novas representações e linguagens religiosas.

As representações podem ser entendidas como formas de concepção da sociedade, ou como prefere Roger Chartier, percepções do social, idéias que indicam o que os seus autores pensam que a sociedade é, ou como gostariam que fosse.²⁷ Segundo o autor,

São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço a ser decifrado. [...] As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas.²⁸

Não se trata de saber se estas representações estão ou não em conformidade com o real. O que deve ser levado em consideração são os efeitos de realidade, estratégias e práticas que produziram, as condutas que tornaram possíveis e legitimaram, de modo que “as próprias representações do mundo social são os componentes da realidade social”.²⁹

Se se levar adiante o raciocínio de que as representações são “um determinante básico da realidade histórica”³⁰ e pensando nas palestras dos congressos católicos, a conclusão a que se chega é que alguns dos “problemas mais candentes” que se pretendia resolver nestes eventos podem ter surgido exatamente ali. Isto é, a colocação de determinadas relações sociais, condutas e comportamentos na ordem do discurso e sua problematização por parte de agentes religiosos, pode ter ocasionado o surgimento de relações problemáticas para os fiéis, que até neste momento não eram concebidas como tais. Segundo Bourdieu, “o porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas”.³¹

Um exemplo disso pode ser encontrado no Congresso Católico de Porto Novo, realizado em 1934. Um dos assuntos ali tratados estava relacionado aos casamentos entre pessoas de diferentes religiões e diferentes etnias, uma prática tida como comum e normal entre os descendentes de imigrantes. Entretanto, na palestra intitulada “Fontes de perigo para o corpo e a alma”, tais casamentos são nomeados como grandes perigos:

Eu nomeio como primeira e principal fonte de perigo para a perda da fé ou seu enfraquecimento, assim como a negligência em assuntos de fé: as colônias mistas, ou as colonizações mistas desse nosso Brasil tão belo e cordial. Quando eu digo colônias mistas me refiro em primeiro lugar à colônias com mistura de confissões, mas também com mistura de nacionalidades. [...] Se numa colônia estiverem vários credos, não deixarão de acontecer casamentos mistos, que são condenados com tanta veemência pela mais sábia instrutora dos povos, a igreja católica.³²

A idéia de que os casamentos mistos eram prejudiciais era bastante antiga entre os Jesuítas. Veja-se, por exemplo, a correspondência de um dos primeiros jesuítas de língua alemã da Ordem Restaurada que foi ao Rio Grande do Sul, o Pe. Lipiski, SJ. Naquela época, 1851, ele já havia mencionado os perigos dos “casamentos mistos” e os progressos da colônia de São José do Hortêncio, onde “a população não vivia misturada com os protestantes”.

A falta de sacerdotes e o abuso prejudicial dos casamentos mistos, principalmente na geração mais nova que passa os feriados bebendo e caçando, causou necessariamente uma grande indiferença em assuntos religiosos.

A colônia de São José do Hortêncio, onde a população católica não vive misturada com os protestantes, dá as melhores esperanças. Esta boa gente venera o sacerdote e contribui muito, sem olhar para sua pobreza, a seu templo, que visitam também em dias úteis.³³

Assim, determinadas questões, tidas pelos descendentes de imigrantes como naturais, passam a ser problematizadas, de modo a se transformarem em práticas que deviam ser evitadas e combatidas. Da mesma forma que os casamentos mistos, poder-se-iam relacionar vários outros assuntos assim interpretados. Isto permite pensar que as representações mobilizadas nas palestras dos Congressos Católicos contribuíram para criar uma certa realidade, com determinados “problemas mais candentes” e, o que é importante, que ensejam condutas e práticas sociais, religiosas e culturais específicas a serem adotadas diante desta nova realidade. O fim último das novas representações é exercer o domínio religioso, que, conforme menciona Roberto Romano, “não se situa em conjunturas passageiras: seu centro de efetividade é a consciência do homem, lugar da manifestação do Eterno, impossível de ser alcançado por qualquer ordem humana positiva”³⁴. Romano parte “de uma atitude soteriológica fundamental no interior da igreja”³⁵. Segundo o autor,

A imagem religiosa diz uma proposição política que remete a situações mais complexas que um pretense desejo direto de poder secular. O domínio reclamado pela igreja é religioso: nisto reside sua originalidade e sua força.³⁶

Assim, portanto, pode-se concluir que o sentido dos Congressos Católicos reside numa forma específica de atividade religiosa cujo fim último era exercer o domínio religioso, ou seja, ou se se preferir na terminologia de Weber e Bourdieu,

seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão de mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência.³⁷

Desta forma, portanto, vai se delineando o sentido dos Congressos Católicos. Eram eventos que surgiram num determinado contexto e se inseriam num movimento mais amplo de advento de novas práticas religiosas, voltadas muito mais para o mundo social, mas que visavam, em última instância, garantir o domínio religioso. Assim, os

Congressos se expandiram para além das fronteiras da Alemanha, desembocando, entre outros lugares, no sul do Brasil, contribuindo para modificar a maneira pela qual uma instituição como a Igreja Católica concebia sua relação com a sociedade.

Notas

¹ A expressão “nova fisionomia” é de Arthur Rabuske, que se refere a presença de Jesuítas alemães no Rio Grande do Sul. Veja-se RABUSKE, SJ, Arthur. Nova fisionomia da Igreja no Rio Grande do Sul a partir de 1850. In. Pesquisas História. Nº 25. Revista do Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1986.

² WERNET, Augustin. “Prefácio”. In. SERPA, Élio c. Igreja e Poder em Santa Catarina. Florianópolis: EDUSFC, 1997. p. 11.

³ A partir de 1889 formaram-se diversas instituições em torno do imigrante alemão e seu descendente, que procuravam contemplar todas as esferas de sua vida: na política os Jesuítas criaram o Partido Católico, (o Centro Católico ou o Zentrumspartei); na esfera econômica organizaram o sistema de crédito das Caixas Rurais União Popular, ou como os colonos a chamavam, a Sparkass, inspirada no sistema de crédito desenvolvido pelo alemão Friedrich Wilhelm Reiffeisen (1818–1888); na educação a Associação de Professores (Lehrerverein); formaram a associação de agricultores (Bauernverein) que a partir de 1912 passou a ser Sociedade União Popular para alemães, a Volksverein; criaram as Associações Paroquiais (Pfarervereine); formaram um núcleo colonial, (colônia Porto Novo) no oeste catarinense e dois (Cerro Azul e Santo Cristo) no Rio grande do Sul. Além destas instituições, tem-se ainda a fundação de escolas e seminários, hospitais e asilos, assim como também cooperativas de produção.

⁴ RABUSKE, Arthur. “Eles se empenharam pelo erguimento do bem-estar material da colônia alemã do Rio Grande do Sul.” In.: Anais do 1º Simpósio de História da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Comissão Organizadora do Simpósio, 1974, p. 36.

⁵ MATHY, Helmut. Geschichte der Katholikentage: 1948. In. www.kath.de/bistum/mainz/ktag98/diverses/1948.htm. 04/08/2002.

⁶ Foram realizados no Rio Grande do Sul inúmeros destes Congressos, em torno de 16 a 18. A relação dos Congresso, com seus e respectivos locais e anos, é a seguinte: Iº Congresso: Harmonia, 1898, IIº Congresso: Santa Clara, 1899; IIIº Congresso: Santa Catarina da Feliz, 1900; IVº Congresso: Santa Cruz, 1901; Vº Congresso: Baumschneitz, (Dois Irmãos) 1903; VIº Congresso: Winterschneitz, (Bom Princípio)1905; VIIº Congresso: Estrela, 1908; VIIIº Congresso: S. Salvador, 1910; IXº Congresso: Venâncio Aires, 1912; Xº Congresso: São Leopoldo, 1914; XIº Congresso: Santa Cruz, 1916; XIIº Congresso: Novo Hamburgo, 1926; XIIIº Congresso: Serro Azul (Cerro Largo), 1928; XIVº Congresso: Arroio do Meio, 1930; XVº Congresso: Colônia Selbach, 1932; XVIº Congresso: Porto Novo (Itapiranga, Santa Catarina), 1934; XVIIº Congresso: Bom Princípio, 1936. Além destes congressos, encontrou-se referências também de um Congresso Regional, realizado em 1932 em Três Arroios, município de Boa Vista do Erechim. Destes eventos, apenas um, o de 1934, aconteceu no extremo oeste catarinense, na colônia Porto Novo (Itapiranga).

⁷ LUTTERBECK, Jorge Alfredo. Jesuítas no Sul do Brasil. Capítulos de História da Missão e Província Sul-brasileira da Companhia de Jesus. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, publicações avulsas nº 3, 1977, p. 123.

⁸ Idem, ibidem. p. 123.

⁹ Um estudo específico acerca dos Congressos Católicos não foi encontrado e as referências sobre o assunto não são muitas. Principais autores que abordam o tema são LUTTERBECK, Jorge Alfredo, op. Cit., RABUSKE, Arthur, op. Cit. 1974 e KREUTZ, Lúcio. O Professor Paroquial, Magistério e Imigração Alemã. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS; Florianópolis: EDUFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

¹⁰ RABUSKE, op. cit. 1974, p. 36.

¹¹ KREUTZ, Lúcio. Op. Cit. p. 72 e 73.

¹² PAPA LEÃO XII, Sobre a condição dos operários. Encíclica Rerum Novarum. In. Documentos Pontifícios Sobre Questões Sociais. Brasília: Câmara dos Deputados, Secretaria Geral da Presidência, 1967, p. 10.

¹³ No Katholikentage de Frankfurt/Main, realizado em 1863 foram discutidas as idéias de Kolping, assim como

também as de Lassalle e Marx. HEINEN, Ernst, Staatliche Macht und Katholizismus in Deutschland. 2 band: Documente des politischen Katholizismus von 1876 bis 1914, Paderborn: Schöningh. (Sammlung Schöningh zur Geschichten und Gegenwart) p. 88.

¹⁴ Apud. ÁVILA, SJ, Fernando Bastos. Pensamento social antes de Marx. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1972, p. 176.

¹⁵ MATHY, Helmut. op. cit.

¹⁶ O termo *Kulturkampf* se refere ao conflito entre o poder estatal e a igreja católica na Alemanha, de forma mais intensa na Prússia, estendendo-se ao longo da década de 70 do século XIX. Bismarck, o “chanceler de ferro”, pretendia ver nos avanços do catolicismo na Alemanha uma ameaça para a estabilidade do governo da recém unificada Alemanha. Com a declaração da Infallibilidade do Papa (Concílio de 1870), a ameaça lhe pareceu ainda mais eminente. Uma série de medidas prejudiciais à igreja foram adotadas: em 1872 as leis sobre os Jesuítas, que resultaram na expulsão da Companhia de Jesus da Alemanha; as “leis de maio” de 1873 que controlavam as funções eclesiásticas; leis de 1874 e 75 que instituíam o casamento civil. Inúmeros eclesiásticos, apoiados por Pio IX, se opuseram a tais medidas e por isso foram destituídos, entre eles o monsenhor Ketteler. Com a morte do enérgico Pio IX e a subida do sagaz e diplomático Leão XIII ao trono pontifício, em 1878, Bismarck pessoalmente voltou a estabelecer negociações com o pontificado, procurando com isso obter o apoio do partido católico, liderado por Windhorst, na Alemanha. Veja-se a este respeito: HEINE, op. cit.; TREUE, Wilhelm, **Deutsche Geschichte Von den Anfängen bis zum zweiten Weltkrieges**. Stuttgart: Alfred Kröner, 1958, pgs. 617 a 624; RAFF, Diether. **Deutsche Geschichte Von Alten Reich zur Zweiten Republik**. München: Hueber, 1985, pgs. 147 a 178.

¹⁷ A colônia Porto Novo é atualmente os município de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis. Foi uma colonização organizada pelos Jesuítas em 1926, planejada para ser étnica e religiosamente homogênea.

¹⁸ As palestras, além da programação e outras atividades do Congresso, estão descritas nos Anais do XVI Congresso Católico de Porto Novo, 1934. METZLER, Franz. Die Katholikenversammlung Porto Novo 1934. Porto Alegre: Tipografia do Centro.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 3a. ed.[Intr. org. e seleção de Sérgio Micelli, Trad. Sérgio Micelli, Sílvia de Almeida Prado, Sonia Micelli e Wilson Campos Vieira] São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, - (Coleção Estudos).

²⁰ WEBER, Max. Archiv für Socialwissenschaft und Socialpolitik. Vol. XVII, pe47, apud. GERTH, H. H.; MILLS, c. E. Wrighth. Introdução In: Ensaios de Sociologia. 5ª ed, [Trad. Waltensir Dutra] Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.91.

²¹ WEBER, Max. Economia e Sociedade, fundamentos da sociologia compreensiva Vol. 1, trad. da 5ª edição revisada, anotada e organizada por Johannes Winkelmann. [Trd. Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa] Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília: UNB, 1991, p. 06.

²² ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.465.

²³ WEBER, Max. Ensaios de Sociologia. 5ª ed. [Trad. Waltensir Dutra, org. e intr. H. H. Gerth e C. Wrighth Mills] Rio de Janeiro: Guanabara, 1982, p.312.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. op. cit. p.32.

²⁵ BOURDIEU, op. cit. p. 82.

²⁶ Idem, ibidem. p 79.

²⁷ CHARTIER, Roger. A História Cultural, Entre Práticas e Representações. [Trad. Maria Manuela Galhardo] Lisboa: DIFEL, 1990, p.19.

²⁸ Idem, ibidem, p.17.

²⁹ CHARTIER, Roger. Intellectual History or Sociocultural History? The French Trajectories. In. LA CAPRA, Dominick e KAPLAN, Steven L. (orgs.) Modern European Intellectual History: Reappraisals and new Perspectives. Ithaca, N.I. 1982, p. 30, apud HUNT, Lynn. Apresentação. In. HUNT, Lynn (org.) A Nova História Cultural. [trad. Jefferson L. Camargo] São Paulo: Martins Fontes, 1992 (O Homem e a História) p. 9.

³⁰ HUNT, Lynn, op. cit. p.9

³¹ BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Lingüísticas. O que falar quer dizer. Prefácio de Sérgio Miceli. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996 (Clássicos) p. 89.

- ³² SCHUHEN, Polykarp. “Gefahrenquellen für Leib und Seele.” In. METZLER, Franz. op. cit. p. 116.
- ³³ LUTTERBECK, 1977, p. 38 e 39. Referências acerca da preocupação com colônias religiosamente mistas pode ser encontrada também em alguns padres da Alemanha desde os primórdios da emigração. A preocupação maior era com relação aos emigrantes que se direcionavam para os Estados Unidos, mas também há casos relacionados com o Brasil. Veja-se a respeito disso, RUHE, Rudolf. Die Auswanderung aus der Rudolstädter Oberherrschaft nach Brasilien in der Mitte des 19. Jahrhunderts. Rud. Heimathefte, nº 4, 1958. p. 169.
- ³⁴ ROMANO, Roberto, Brasil: Igreja contra Estado. (Crítica ao Populismo Católico) São Paulo: Kairós Livraria e Editora, 1979, p.40.
- ³⁵ Idem, ibidem p. 22.
- ³⁶ Idem, p. 42.
- ³⁷ BOURDIEU, op. cit. 1992, p. 88.